



*Discurso aos
bacharelados
da Faculdade
de Direito de
São Paulo em
M. CM. XX.*





Fain

Puy Barbero

*Edição promovida pelo mensa-
rio Acadêmico*



DESENHOS DE



923.281

B238

ORM

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL
Este volume não se encontra registrado
por número 3259-F
1954

SENHORES:



ÃO quiz Deus que os meus cincoenta annos de consagração ao direito viessem receber no templo do seu ensino em S. Paulo o sello de uma grande bençã, associando-se hoje com a vossa admissão ao nosso sacerdocio, na solennidade imponente dos votos em que o ides esposar.

Em verdade vos digo, jovens amigos meus, que o coincidir desta existencia declinante com essas carreiras nascentes agora, o seu coincidir num ponto de intersecção tão magnificamente celebrado, era mais do que eu mereceria; e, negando-me a divina bondade um momento de

tamanha ventura, não me negou senão o a que eu não devia ter tido a inconsciencia de aspirar.

Mas, recusando-me o privilegio de um dia tão grande, ainda me consentiu o encanto de vos falar, de conversar con-vosco, presente entre vós em espirito; o que é, tambem, estar presente em verdade.

Assim que não me ides ouvir de longe, como a quem se sente arredado por centenas de kilometros, mas de ao pé, de em meio a vós, como a quem está debaixo do mesmo tecto, e á beira do mesmo lar, em colloquio de irmãos, ou junto dos mesmos altares, sob os mesmos campanarios, elevando ao Criador as mesmas orações, e professando o mesmo credo.

Direis que isto de me achar assistindo, assim, entre os de quem me vejo separado por distancia tão vasta, seria dar-se, ou suppôr que se está dando, no meio de nós, um verdadeiro milagre?

* Será. Milagre do maior dos thaumaturgos. Milagre de quem respira entre milagres. Milagre de um santo, que cada qual tem no sacrario do seu peito. Milagre do coração, que os sabe chover sobre a criatura humana, como o firmamento chove nos campos mais áridos e tristes a orvalhada das noites, que se esvae, com os sonhos de antemanhan, ao cair das primeiras frechas de oiro do disco solar.

Embora o realismo dos adagios teime no contrario, tolem-me o arrojo de afrontar uma vez a sabedoria dos proverbios. Eu me abalanço a lhes dizer e redizer de não. Não é certo, como corre mundo, ou, pelo menos, muitas e muitissimas vezes, não é verdade, como se espalha fama, que “longe da vista, longe do coração”.

O genio dos annexins, ahi, vae longe de andar certo. Esse proloquio tem mais malicia que sciencia, mais epigramma que justiça, mais ãngenho que philosophia. Vezes sem conto, quando se está mais fóra da vista dos olhos, então (e por isso mesmo) é que mais á vista do coração estamos; não só bem á sua vista, senão bem dentro nelle.

Não, filhos meus (deixae-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavissimo nome); não: o coração

não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida. Ha, nelle, mais que um assombro physiologico: um prodigio moral. E' o orgam da fé, o orgam da esperança, o orgam do ideal. Vê, por isso, com os olhos d'alma, o que não vêem os do corpo. Vê ao longe, vê em ausencia, vê no invisivel, e até no infinito vê. Onde pára o cérebro de vêr, outorgou-lhe o Senhor que ainda veja; e não se sabe até onde. Até onde chegam as vibrações do sentimento, até onde se perdem os surtos da poesia, até onde se somem os vôos da crença: até Deus mesmo, invisio como os panoramas intimos do coração, mas presente ao céu e á terra, a todos nós presente, enquanto nos palpita, incorrupto, no seio, o musculo da vida e da nobreza. e da bondade humana.

Quando elle já não estende o raio visual pelo horizonte do invisivel, quando sua visão tem por limite a do nervo optico, é que o coração, já esclerotico, ou degenerescente, e saturado nos residuos de uma vida gasta no mal, apenas oscilla mecanicamente no interior do arcaboijo, como pendula de relógio abandonado, que agita, com as derradeiras pancadas, os vermes e a poeira da caixa. Delle se retirou a scentelha divina. Até hontem lhe banhava ella de luz todo esse espaço, que nos distancia do incommensuravel desconhecido, e lançava entre este e nós uma ponte de astros. Agora, apagados esses luzeiros, que o inundavam de radiosa claridade, lá se foram, com o extincto scintillar das estrellas, as entreabertas do dia eterno, deixando-nos, tão sómente, entre o longinquo mysterio daquelle termo e o anniquilamento da nossa miseria desamparada, as trevas de outro ether, como esse que se diz encher de escuridão o vago mysterio do espaço.

Entre vós, porém, moços, que me estaes escutando, ainda brilha em toda a sua rutilancia o clarão da lampada sagrada, ainda arde em toda a sua energia o centro de calor, a que se aquece a essencia d'alma. Vosso coração, pois, ainda estará incontaminado; e Deus assim o preserve.

Mettei a mão no seio, e ahi o sentireis com a sua segunda vista. Desta, sobre tudo, é que elle nutre sua vida agitada e criadora. Pois não sabemos que, com os antepassados, vive elle da memoria, do luto e da saudade? E tudo é viver no preterito. Não sentimos como, com os nossos conviventes, se alimenta elle na communhão dos sentimentos e indoles, das idéas e aspirações? E tudo é viver num mundo, em que estamos sempre fóra deste, pelo amor, pela abnegação, pelo sacrificio, pela caridade. Não nos será claro que, com os nossos descendentes e sobreviventes, com os nossos successores e pósteros, vive elle de fé, esperança e sonho? Ora, tudo é viver, previvendo, é existir, preexistindo, é vêr, prevendo. E, assim, está o coração, cada anno, cada dia, cada hora, sempre alimentado em contemplar o que não vê, por ter em dote dos céus a pre-excellencia de vêr, ouvir e palpar o que os olhos não divisam, os ouvidos não escutam, e o tacto não sente.

Para o coração, pois, não ha passado, nem futuro, nem ausencia. Ausencia, preterito e porvir, tudo lhe é actualidade, tudo presença. Mas presença animada e vivente, palpitante e criadora, neste regaço interior, onde os mortos renascem, prenascem os vindoiros, e os distanciados se ajuntam, ao influxo de um talisman, pelo qual, nesse magico microcosmo de maravilhas, encerrado na breve arca de um peito humano, cabe, em evocações de cada instante, a humanidade toda e a mesma eternidade.

A maior de quantas distancias logre a imaginação conceber, é a da morte; e nem esta separa entre si os que a terrivel afastadora de homens arrebatou aos braços uns dos outros. Quantas vezes não entrevemos, nesse fundo obscuro e remotissimo, uma imagem cara? quantas vezes não a vemos assomar nos longes da saudade, sorridente, ou melancolica, alvoroçada, ou inquieta, severa, ou carinhosa, trazendo-nos o balsamo, ou o conselho, a promessa, ou o desengano, a recompensa, ou o castigo, o aviso da fatalidade, ou os presagios de bom agoiro? Quantas nos não vem conversar, affavel e tranquilla, ou pressurosa e sobresaltada, com o affago nas mãos, a doçura na bôca, a meiguice no semblante, o pensamento na frente, limpida, ou carregada, e lhe saímos do contacto, ora seguros e robustecidos, ora transidos de cuidado e pesadume, ora cheios de novas inspirações, e scismando, para a vida, novos rumos? Quantas outras, não somos nós os que vamos chamar esses leaes companheiros de além-mundo, e com elles renovar a pratica interrompida, ou instar com elles por um alvitre, em vão buscado, uma palavra, um movimento do rosto, um gesto, uma réstea de luz, um traço do que por lá se sabe, e aqui se ignora?

Se não ha, pois, abysmo entre duas épocas, nem mesmo a voragem final desta á outra vida, que não transponha a mútua attracção de duas almas, não pode haver, na mesquinha superficie do globo terrestre, espaços, que não vença, com os instantaneos de presteza das vibrações luminosas, esse fluido incomparavel, por onde se realiza, na esphera das communicações moraes, a maravilha da photographia á distancia no mundo positivo da industria moderna.

Tão pouco medeia do Rio a S. Paulo! Por que não conseguiremos enxergar de um a outro cabo, em linha tão curta? Tentemos. Vejamos. Estendamos as mãos, entre os dois pontos que a limitam. Deste áquelle já se estabeleceu a corrente. Rapida como o pensamento, corre a emanção magnetica desta extremidade á opposta. As mãos já se encontraram. Já num aperto se confundiram as mãos, que se procuravam. Já, num amplexo de todos, nos abraçamos uns aos outros. Em S. Paulo estamos. Conversemos, amigos, de presença a presença.

Entrelaçando a collação do vosso grau com a commemoração jubilar da minha, e dando-me a honra de vos ser eu paranympho, urdis, desta maneira, no ingresso á carreira que adoptastes, um como vinculo sagrado entre a vossa existencia intellectual, que se enceta, e a do vosso padrinho em letras, que se acerca do seu termo. Do occaso de uma surge o arrebol da outra.

Mercê, porém, de circumstancias inopinadas, com o encêrro do meu meio século de trabalho na jurisprudencia se ajusta o remate dos meus cincoenta annos de serviços á nação. Já o jurista começava a olhar com os primeiros toques de saudade para o instrumento, que, ha dez lustros, lhe vibra entre os dedos, lidando pelo direito, quando a consciencia lhe mandou que despisse as modestas armas da sua luta, provadamente inutil, pela grandeza da patria e suas liberdades, no parlamento.

Essa remoção da metade total de um seculo de vida laboriosa para o desentulho do tempo não se podia resummar sem abalo sensivel numa existencia repentinamente decepada. Mas a commoção foi salutar; porque o espirito encontrou logo seu equilibrio na convicção de que, afinal,

me chegava eu a conhecer a mim mesmo, reconhecendo a escassez de minhas reservas de energia, para accommodar o ambiente da época ás minhas idéas de reconciliação da politica nacional com o regimen republicano.

Era presumpção, era temeridade, era inconsciencia insistir na insana pretensão da minha fraqueza. Só um predestinado poderia arrostar empresa tamanha. Desde 1892 me empenhava eu em lutar com esses mares e ventos. Não os venci. Venceram-me elles a mim. Era natural. Deus nos dá sempre mais do que merecemos. Já me não era pouco a graça (pela qual erguia as mãos ao céu) de abrir os olhos á realidade evidente da minha impotencia, e poder recolher as velas, navegante desenganado, antes que o naufragio me arrancasse das mãos a bandeira sagrada.

Tenho o consôlo de haver dado a meu paiz tudo o que me estava ao alcance: a desambição, a pureza, a sinceridade, os excessos de actividade incansavel, com que, desde os bancos academicos, o servi, e o tenho servido até hoje.

Por isso me sahi da longa odysséa sem creditos de Ulysses. Mas, se o não soube imitar nas artes medrançosas de politico fertil em meios e manhas, em compensação tudo envidei por inculcar ao povo os costumes da liberdade e á republica as leis do bom governo, que prosperam os Estados, moralizam as sociedades, e honram as nações.

Preguei, demonstrei, honrei a verdade eleitoral, a verdade constitucional, a verdade republicana. Pobres clientes estas, entre nós, sem armas, nem oiro, nem consideração, mas achavam, em uma nacionalidade esmorecida e indifferente, nos titulos rôtos do seu direito, com que habilitar o miserô advogado a sustentar-lhes com alma, com dignidade, com sobrançaria, as desprezadas reivindicações. As tres ver-

dades não podiam alcançar melhor sentença no tribunal da corrupção politica do que o Deus vivo no de Pilatos.

Quem por uma causa destas combateu, abraçado com ella, em vinte e oito annos da sua Via Dolorosa, não se pode ter habituado a maldizer, senão a perdoar, nem a descreer, senão a esperar. Descrer da cegueira humana, sim; mas da Providencia, fatal nas suas soluções, bem que (ao parecer) tarda nos seus passos, isso nunca.

Assim que a bençãam do paranympho não traz fel. Não lhe encontrareis no fundo nem rancor, nem azedume, nem despeito. “Os máus” só lhe inspiram tristeza e piedade. Só “o mal” é o que o inflamma em odio. Porque o odio ao mal é amor do bem, e a ira contra o mal, enthusiasmo divino. Vêde Jesus despejando os vendilhões do templo, ou Jesus provando a esponja amarga no Gólgatha. Não são o mesmo Christo, esse ensanguentado Jesus do Calvario e aquell'outro, o Jesus iroso, o Jesus armado, o Jesus do látego inexoravel? Não serão um só Jesus, o que morre pelos bons, e o que açoita os máus?

O padre Manuel Bernardes prégava, numa das suas “Silvas”:

“Bem pode haver ira, sem haver peccado. “Irascimini, et nolite peccare.” E ás vezes poderá haver peccado, se não houver ira; porquanto a paciencia e silencio fomenta a negligencia dos maus, e tenta a perseverança dos bons. “Qui cum causa non irascitur, peccat” (diz um padre); “patientia enim irrationabilis vitia seminat, negligentiam nutrit, et non solum malos, sed etiam bonos invitat ad malum.” Nem o irar-se nestes termos é contra a mansidão; porque esta virtude comprehende dois actos: um é reprimir a ira, quando é desordenada; outro,

excital-a, quando convém. A ira se compara ao cão, que ao ladrão ladra, ao senhor festeja, ao hospede não festeja, nem ladra: e sempre faz o seu officio. E assim quem se agasta nas occasiões, e contra as pessoas, que convém agastar-se, bem pode, com tudo isso, ser verdadeiramente manso. “Qui igitur” (disse o Philosopho) “ad quae oportet, et quibus oportet irascitur, laudatur, esseque is mansuetus potest.” (1)

Nem toda ira, pois, é maldade; porque a ira, se, as mais das vezes, rebenta aggressiva e damninha, muitas outras, opportuna e necessaria, constitue o especifico da cura. Ora deriva da tentação infernal, ora de inspiração religiosa. Commummente se accende em sentimentos deshumanos e paixões cruéis; mas não raro flammeja do amor santo e da verdadeira caridade. Quando um braveja contra o bem, que não entende, ou que o contraria, é odio iroso, ou ira odienta. Quando verbera o escandalo, a brutalidade, ou o orgulho, não é agrestia rude, mas exaltação virtuosa; não é soberba, que explode, mas indignação que illumina; não é raiva desaçaimada, mas correcção fraterna. Então, não sómente não pecca o que se irar, mas peccará, não se irando. Cólera será; mas cólera da mansuetude, cólera da justiça, cólera que reflecte a de Deus, face tambem celeste do amor, da misericordia e da santidade.

Della esfuzilam scentellhas, em que se abraza, por vezes, o apostolo, o sacerdote, o pae, o amigo, o orador, o magistrado. Essas faúlhas da substancia divina atravessam o púlpito, a cáthedra, a tribuna, o róstro, a imprensa, quando

(1) “Luz e Calor”, 1.^a ed., 1696. Pag. 271-272
§ XVIII.

se debatem, ante o paiz, ou o mundo, as grandes causas humanas, as grandes causas nacionaes, as grandes causas populares, as grandes causas sociaes, as grandes causas da consciencia religiosa. Então a palavra se electriza, brame, lampeja, atrôa, fulmina. Descargas sobre descargas rasgam o ar, incendiam o horizonte, cruzam em raios o espaço. E' a hora das responsabilidades, a hora da conta e do castigo, a hora das apóstrophes, imprecações e anáthemas, quando a voz do homem rebôa como o canhão, a arena dos combates da eloquencia estremece como campo de batalha, e as siderações da verdade, que estala sobre as cabeças dos culpados, revolvem o chão, coberto de victimas e destroços incruentos, com abalos de terremoto. Eil-a ahi a colera santa! Eis a ira divina!

Quem, senão ella, ha-de expulsar do templo o renegado, o blasphemo, o profanador, o simoniaco? quem, senão ella, exterminar da sciencia o apedeuta, o plagiario, o charlatão? quem, senão ella, banir da sociedade o immoral, o corruptor, o libertino? quem, senão ella, varrer dos serviços do Estado o prevaricador, o concussionario e o ladrão público? quem, senão ella, precipitar do governo o negociismo, a prostituição politica, ou a tyrannia? quem, senão ella, arrancar a defesa da patria á cobardia, á inconfidencia, ou á traição? Quem, senão ella, ella a cólera do celeste inimigo dos vendilhões e dos hypocritas? a cólera do justo, crucifixo entre ladrões? a cólera do Verbo da verdade, negado pelo poder da mentira? a cólera da santidade suprema, justiça da mais sacrilega das oppressões?

Todos os que nos dessedentamos nessa fonte, os que nos saciamos desse pão, os que adoramos esse ideal, nella vamos buscar a chamma incorruptivel. E' della que, ao

espectaculo impio do mal tripudiante sobre os revéses do bem, rebenta em labaredas a indignação, golfa a colera em borbotões das fraguas da consciencia, e a palavra sáe, rechinando, esbrazando, chispando como o metal candente dos seios da fornalha.

Esse metal nobre, porém, na incandescencia da sua ebulição, não deixa escória. Pode crestar os labios, que atravessa. Poderá inflamar por momentos o irritado coração, de onde jorra. Mas não o degenera, não o macúla, não o reseca, não o caleja, não o endurece; e, no fundo são da urna onde tumultuavam essas procellas, e donde borbotam essas erupções, não assenta um rancor, uma inimizade, uma vingança. As reacções da luta cessam, e fica, de envolta com o aborrecimento ao mal, o relevamento dos males padecidos.

Nest'alma, tantas vezes ferida e traspassada tantas vezes, nem de aggressões, nem de infamações, nem de preterições, nem de ingratidões, nem de perseguições, nem de traições, nem de expatriciações perdura o menor rasto, a menor idéa de revindicta. Deus me é testemunha de que tudo tenho perdoado. E, quando lhe digo, na oração dominical: "Perdoae-nos, Senhor, as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores", julgo não lhe estar mentindo; e a consciencia me attesta que, até onde alcance a imperfeição humana, tenho conseguido, e consigo todos os dias obedecer ao sublime mandamento. Assim me perdoem, tambem, os a quem tenho aggravado, os com quem houver sido injusto, violento, intolerante, maligno, ou des-caridoso.

Estou-vos abrindo o livro da minha vida. Se me não quizerdes acceitar como expressão fiel da realidade esta

versão rigorosa de uma das suas paginas, com que mais me consolo, recebei-a, ao menos, como acto de fé, ou como conselho de pae a filhos, quando não como o testamento de uma carreira, que poderá ter discrepado, muitas vezes, do bem, mas sempre o evangelizou com enthusiasmo, o procurou com fervor, e o adorou com sinceridade.

Desde que o tempo começou, lento lento, a me decantar o espirito do sedimento das paixões, com que o verdor dos annos e o amargor das lutas o enturbavam, entrando eu a considerar com philosophia nas leis da natureza humana, fui sentindo quanto esta necessita da contradicção, como a lima dos soffrimentos a melhora, a que ponto o acerbo das provações a expurga, a tempéra, a nobilita, a regenera. Então vim a perceber vivamente que immensa divida cada criatura da nossa especie deve aos seus inimigos e desfortunas. Por mais desagrestes que sejam os contratempos da sorte e as maldades dos homens, raro nos causam mal tamanho, que nos não façam ainda maior bem. Ai de nós, se esta purificação gradual, que nos deparam as vicissitudes crueis da existencia, não encontrasse a collaboração providencial da fortuna adversa e dos nossos desaffectedos. Ninguem mette em conta o serviço contínuo, de que lhes está em obrigação.

Dirieis, até, que, mandando-nos amar aos nossos inimigos, em boa parte nos quiz o divino legislador entre-mostrar o muito, de que elles nos são credores. A caridade com os que nos malquerem, e os que nos malfazem, não é, em bem larga escala, senão pago dos beneficios, que, mal a seu grado, mas muito de veras, elles nos grangeiam.

Dest'arte, não equivocaremos a apparencia com a realidade, se, nos dissabores que malquerentes e malfazentes nos propinam, discernirmos a quota de lucro, com que elles, não

levando em tal o sentido, quasi sempre nos favorecem. Quanto é pela minha parte, o melhor do que sou, bem assim o melhor do que me acontece, frequentemente acaba o tempo convencendo-me de que não me vem das doçuras da fortuna propicia, ou da verdadeira amizade, senão sim que o devo, principalmente, ás machinações dos malevolos e ás contradicções da sorte madrasta. Que seria, hoje, de mim, se o veto dos meus adversarios, systematico e pertinaz, me não houvesse poupado aos tremendos riscos dessas alturas, “alturas de Satanás”, como as de que fala o Apocalypse, em que tantos se têm perdido, mas a que tantas vezes me tem tentado exalçar o voto dos meus amigos? Amigos e inimigos estão, a miude, em posições trocadas. Uns nos querem mal, e fazem-nos bem. Outros nos almejam o bem, e nos trazem o mal.

Não poucas vezes, pois, razão é lastimar o zelo dos amigos, e agradecer a malevolencia dos oppositores. Estes nos salvam, quando aquelles nos extraviam. De sorte que, no perdoar aos inimigos, muita vez não vae sómente caridade christan, senão tambem justiça ordinaria e reconhecimento humano. E, ainda quando, aos olhos do mundo, como aos do nosso juizo descaminhado, tenham logrado a nossa desgraça, bem póde ser que, aos olhos da philosophia, aos da crença e aos da verdade suprema, não nos hajam contribuido senão para a felicidade.

Este, senhores, será um saber vulgar, um saber rasteiro, “um saber só de experiencia feito”.

Não é o saber da sciencia, que se libra acima das nuvens, e alteia o vôo soberbo, além das regiões sideraes, até aos páramos indevassaveis do infinito. Mas, ainda assim, este saber facil mereceu a Camões o ter a sua legenda insculpida em versos immortaes; quanto mais a nós outros, “bichos da

terra tão pequenos”, a ninharia de occupar divagações, como estas, de um dia, folhas de arvore morta, que, talvez, não vinguem ao de amanha.

Da sciencia estamos aqui numa cathedral. Não cabia em um velho cathecumeno vir ensinar a religião aos seus bispos e pontifices, nem aos que agora nella recebem as ordens do seu sacerdocio. E hoje é féria, ensejo para treguas ao trabalho ordinario, quasi dia santo. Labutastes a semana toda, o vosso curso de cinco annos, com theorias, hypotheses e systemas, com principios, theses e demonstrações, com leis, codigos e jurisprudencias, com expositores, interpretes e escolas. Chegou o momento de vos assentardes, mão por mão, com os vossos sentimentos, de vos pordes á fala com a vossa consciencia, de praticardes familiarmente com os vossos affectos, esperanças e propositos.

Eis ao que vem o padrinho, o velho, o abençoador, carregado de annos e tradições, versado nas longas lições do tempo, mestre de humildade, arrependimento e desconfiança, nullo entre os grandes da intelligencia, grande entre os experimentados na fraqueza humana. Que se feche, pois, alguns momentos o livro da sciencia; e folheemos juntos o da experiencia. Desalliviamo-nos do saber humano, carga formidavel, e voltemo-nos uma hora para este outro, leve, comesinho, desalinhado, conversavel, seguro, sem altitudes, nem despenhadeiros.

Ninguem, senhores meus, que emprenda uma jornada extraordinaria, primeiro que metta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças, por saber se a levarão ao cabo. Mas, na grande viagem, na viagem de transito deste a outro mundo, não ha “possa, ou não possa”, não ha querer, ou não querer. A vida não tem mais que duas

portas: uma de entrar, pelo nascimento; outra de sair, pela morte. Ninguém, cabendo-lhe a vez, se poderá furtar á entrada. Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir á sahida. E, de um ao outro extremo, vae o caminho, longo, ou breve, ninguem o sabe, entre cujos termos fataes se debate o homem, pesaroso de que entrasse, receioso da hora em que saia, cativo de um e outro mysterio, que lhe confinam a passagem terrestre.

Não ha nada mais tragico do que a fatalidade, inexoravel deste destino, cuja rapidez ainda lhe aggrava a severidade.

Em tão breve trajecto cada um ha de acabar a sua tarefa. Com que elementos? Com os que herdou, e os que cria. Aquelles são a parte da natureza. Estes, a do trabalho.

A parte da natureza varia ao infinito. Não ha, no universo, duas coisas iguaes. Muitas se parecem umas ás outras. Mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só arvore, as folhas da mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as gotas do mesmo fluido, os argueiros do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estellar. Tudo assim, desde os astros, no céu, até os microbios no sangue, desde as nebulosas no espaço, até aos aljofares do rocío na relva dos prados.

A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguaes, na medida em que se desigualmente. Nesta desigualdade social, proporcionada á desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho, ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguaes, ou a desiguaes com igualdade, seria desigualdade flagrante, e não igualdade real. Os appetites humanos conceberam inverter a norma universal da criação, pretendendo, não dar a cada um, na razão do que

vale, mas attribuir o mesmo a todos, como se todos se equivallessem.

Esta blasphemia contra a razão e a fé, contra a civilização e a humanidade, é a philosophia da miseria, proclamada em nome dos direitos do trabalho; e, executada, não faria, senão inaugurar, em vez da supremacia do trabalho, a organização da miseria.

Mas, se a sociedade não póde igualar os que a natureza criou desiguaes, cada um, nos limites da sua energia moral, póde reagir sobre as desigualdades nativas, pela educação, actividade e perseverança. Tal a missão do trabalho.

Os portentos, de que esta força é capaz, ninguem os calcula. Suas victorias na reconstituição da criatura mal dotada só se comparam ás da oração.

Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem. A oração é o intimo sublimar-se d'alma pelo contacto com Deus. O trabalho é o inteirar, o desenvolver, e apurar das energias do corpo e do espirito, mediante a acção continua de cada um sobre si mesmo e sobre o mundo onde labutamos.

O individuo que trabalha, acerca-se continuamente do autor de todas as coisas, tomando na sua obra uma parte, de que depende tambem a delle. O Criador começa, e a criatura acaba a criação de si propria.

Quem quer, pois, que trabalhe, está em oração ao Senhor. Oração pelos actos, ella emparelha com a oração pelo culto. Nem póde ser que uma ande verdadeiramente sem a outra. Não é trabalho digno de tal nome o do máu; porque a malicia do trabalhador o contamina. Não é oração acceitavel a do ocioso; porque a ociosidade a dessagra. Mas, quando o trabalho se junta á oração, e a oração com

o trabalho, a segunda criação do homem, a criação do homem pelo homem, semelha ás vezes, em maravilhas, á criação do homem pelo divino Criador.

Ninguém desanime, pois, de que o berço lhe não fosse generoso, ninguém se creia malfadado, por lhe minguaem de nascença haveres e qualidades. Em tudo isso não ha surpresas, que se não possam esperar da tenacidade e santidade no trabalho. Quem não conhece a historia do padre Suarez, o autor do tratado “Das Leis e de Deus Legislador”, “De Legibus ac Deo Legislatore”, monumento juridico, a que os trezentos annos de sua idade ainda não gastaram o conceito de honra das letras castelhanas? De cincuenta aspirantes, que, em 1564, solicitavam, em Salamanca, ingresso á Companhia de Jesus, esse foi o unico rejeitado, por curto de entendimento e revêso ao ensino. Admittido, todavia, a insistencias suas, com a nota de “indifferente”, embora primasse entre os mais applicados, tudo lhe eram, no estudo, espêssas trevas. Não avançava um passo. Afinal, por consenso de todos, passava por invencivel a sua incapacidade. Confessou-a, por fim, elle mesmo, requerendo ao reitor, o celebre padre Martin Gutierrez, que o escusasse da vida escolar, e o entregasse aos misteres corporaes de irmão coadjutor. Gutierrez animou-o a orar, persistir, e esperar. De repente se lhe alagou de claridade a intelligencia. Mergulhou-se, então, cada vez mais no estudo; e dahi, com estu-penda mudança, começa a deixar vêr o a que era destinada aquella extraordinaria cabeça, até esse tempo submersa em densa escuridade.

Já é mestre insigne, já encarna todo o saber da renascença theologica, em que brilham as letras de Espanha. Successivamente illustra as cadeiras de philosophia, theo-

logia e canones nas mais famosas universidades européas: em Segovia, em Valhadolid, em Roma, em Alcalá, em Salamanca, em Avila, em Coimbra. Nos seus setenta annos de vida, professa as sciencias theologicas durante quarenta e sete, escreve cerca de duzentos volumes, e morre comparado com Santo Agostinho e S. Thomaz, abaixo de quem houve quem o considerasse “o maior engenho, que tem tido a igreja” (1); sendo tal a sua nomeada, ainda entre os protestantes, que deste jesuita, como theologo e philosopho, chegou a dizer Grocio que “apenas havia quem o igualasse”.

Já vêdes que ao trabalho nada é impossivel. Delle não ha extremos, que não sejam de esperar. Com elle nada pode haver, de que deséperar.

Mas, do seculo XVI ao seculo XX, o que as sciencias cresceram, é incommensuravel. Entre o curriculo da theologia e philosophia no primeiro, e o programma de um curso juridico, no segundo, a distancia é infinita. Sobre os mestres, os sabios e os estudantes de agora pesam montanhas e montanhas mais de questões, problemas e estudos que quantos, ha tres ou quatro seculos, se abrangiam no saber humano.

O trabalho, pois, vos ha de bater á porta dia e noite; e nunca vos negueis ás suas visitas, se quereis honrar vossa vocação, e estaes dispostos a cavar nos veios de vossa natureza, até dardes com os thesoiros, que ahi vos haja reservado, com animo benigno, a dadivosa Providencia. Ouvistes o aldrabar da mão occulta, que vos chama ao estudo? Abri, abri, sem detença. Nem, por vir muito cedo, lh'o leveis a

(1) P. FRANCISCO SUAREZ: “Tratado de las Leyes y de Dios Legislador”. Ed. de Madrid, 1918. Tomo I, pg. XXXVII.

mal, lh'o tenhaes á conta de importuna. Quanto mais matutinas essas interrupções do vosso dormir, mais lh'as deveis agradecer.

O amanhecer do trabalho ha de antecipar-se ao amanhecer do dia. Não vos fieis muito de quem esperta já sol nascente, ou sol nado. Curtos se fizeram os dias, para que nós os dobrassemos, madrugando. Experimentae, e vereis quanto vae do deitar tarde ao acordar cedo. Sobre a noite o cerebro pende ao somno. Antemanhan, tende a despertar.

Não invertaes a economia do nosso organismo: não troqueis a noite pelo dia, dedicando este á cama, e aquella ás distrações. O que se desperdiça para o trabalho com as noitadas inuteis, não se lhe recõbra com as manhans de extemporaneo dormir, ou as tardes de cansado labutar. A sciencia, zelosa do escasso tempo que nos deixa a vida, não dá logar aos tresnoites libertinos. Nem a cabeça já exhausta, ou estafada nos prazeres, tem onde caiba o inquirir, o revolver, o meditar do estudo.

Os proprios estudiosos desacertam, quando, illudidos por um habito de inversão, antepõem o trabalho, que entra pela noite, ao que precede o dia. A natureza nos está mostrando com exemplos a verdade. Toda ella, nos viventes, ao anoitecer, inclina para o somno. A esta lição geral só abrem triste excepção os animaes sinistros e os carniceiros. Mas, quando se avizinha o volver da luz, muito antes que ella arraie a natureza, e ainda primeiro que alvoreça no firmamento, já rompeu na terra em canticos a alvorada, já se orchestram de harmonias e melodias campos e selvas, já o gallo, não o gallo triste do luar dos sertões do nosso Catullo, mas o gallo festivo das madrugadas, retine

ao longe a estridência dos seus clarins, vibrantes de jubilosa alegria.

Ouvi, no pœma de Job, a voz do Senhor, perguntando a seu servo, onde estava, quando o louvavam as estrellas da manhan: “Ubi eras. . . cum me laudarent simul astra matutina?” E que têm mais as estrellas da manhan, dizia um grande escriptor nosso, “que têm mais as estrellas da manhan que as da tarde, ou as da noite, para fazer Deus mais caso do louvor de umas que das outras? não é elle o Senhor do tempo, que deve ser louvado a todo o tempo, não só da luz, mas tambem das trevas? Assim é; porém as estrellas da manhan têm esta vantagem que madrugam, anticipam-se, e despertam aos outros, que se levantem a servir a Deus. Pois disto é que Deus se honra, e agrada em presença de Job”. (1)

Tomae exemplo, estudantes e doutores, tomae exemplo das estrellas da manhan, e gosareis das mesmas vantagens: não só a de levantardes mais cedo a Deus a oração do trabalho, mas a de antecederdes aos demais, logrando mais para vós mesmos, e estimulando os outros a que vos rivalizem no ganho bendito.

Ha estudar, e estudar. Ha trabalhar, e trabalhar. Desde que o mundo é mundo, se vem dizendo que o homem nasce para o trabalho: “Homo nascitur ad laborem.” (2) Mas o trabalhar é como o semear, onde tudo vae muito das sazões, dos dias e das horas. O cerebro, cansado e secco do laborar diurno, não acolhe bem a semente: não a recebe

(1) P. e M. BERNARDES: “Sermões e Praticas”, 1.^a ed., de 1762. Parte I. Pg. 297.

(2) JOB, V, 7.

fresco e de bom grado, como a terra orvalhada. Nem a colheita acode tão suave ás mãos do lavrador, quando o torrão já lhe não está sorrindo entre o sereno da noite e os alvares do dia.

Assim, todos sabem que para trabalhar nascemos. Mas muitos somos os que ignoramos certas condições, talvez as mais elementares, do trabalho, ou, pelo menos, mui poucos os que as praticamos. Quantos serão os que acreditem que os melhores trabalhadores sejam os melhores madrugadores? que os mais estudiosos não sejam os que offerecem ao estudo os sobejos do dia, mas os que o honram com as primicias da manhã?

Dirão que taes trivialidades, sedições e corriqueiras, não são para contempladas num discurso academico, nem para escutadas entre doutores, lentes e sabios. Cada um se avem como entende, e faz o que pode. Mas eu, nisto aqui, faço ainda o que devo. Porque, vindo prégar-vos experiencia, cumpria que relevasse mais a que mais sobresáe na minha estirada carreira de estudante.

Estudante sou. Nada mais. Máu sabedor, fraco jurista, mesquinho advogado, pouco mais sei do que saber estudar, saber como se estuda, e saber que tenho estudado. Nem isso mesmo sei se saberei bem. Mas, do que tenho logrado saber, o melhor devo ás manhãs e madrugadas. Muitas lendas se têm inventado, por ahi, sobre excessos da minha vida laboriosa. Deram, nos meus progressos intellectuaes, larga parte ao uso em abuso do café e ao estimulo habitual dos pés mergulhados nagua fria. Contos de imaginadores. Refractario sou ao café. Nunca recorri a elle como a estimulante cerebral. Nem uma só vez na minha vida busquei num pediluvio o espantallo do somno.

Ao que devo, sim, o mais dos frutos do meu trabalho, a relativa exabundancia de sua fertilidade, a parte productiva e duravel da sua safra, é ás minhas madrugadas. Menino ainda, assim que entrei ao collegio, alvidrei eu mesmo a conveniencia desse costume, e dahi avante o observei, sem cessar, toda a vida. Eduquei nelle o meu cerebro, a ponto de espertar exactamente á hora, que commigo mesmo assentava, ao dormir. Succedia, muito a miude, encetar eu a minha solitaria banca de estudo a uma ou ás duas da ante-manhan. Muitas vezes me mandava meu pae volver ao leito; e eu fazia apenas que lhe obedecia, tornando, logo após, áquellas amadas lucubrações, as de que me lembro com saudade mais deleitosa e entranhavel.

Tenho, ainda hoje, convicção de que nessa observancia persistente está o segredo feliz, não só das minhas primeiras victorias no trabalho, mas de quantas vantagens alcancei jamais levar aos meus concorrentes, em todo o andar dos annos, até á velhice. Muito ha que já não subtraio tanto ás horas da cama, para accrescentar ás do estudo. Mas o systema ainda perdura, bem que largamente cerceado nas antigas immoderações. Até agora, nunca o sol deu commigo deitado e, ainda hoje, um dos meus raros e modestos desvanecimentos é o de ser grande madrugador, madrugador impenitente.

Mas, senhores, os que madrugam no lêm, convem madrugarem tambem no pensar. Vulgar é o lêm, raro o reflectir. O saber não está na sciencia alheia, que se absorve, mas, principalmente, nas idéas proprias, que se geram dos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação, por que passam, no espirito que os assimila. Um sabedor não é ar-

mario de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de aquisições digeridas.

Já se vê quanto vae do saber apparente ao saber real. O saber de apparencia crê e ostenta saber tudo. O saber de realidade, quanto mais real, mais desconfia, assim do que vae apreendendo, como do que elabora.

Haveis de conhecer, como eu conheço, paizes, onde quanto menos sciencia se apurar, mais sabios florescem. Ha, sim, dessas regiões, por este mundo além. Um homem (nessas terras de promessa) que nunca se mostrou lido ou sabido em coisa nenhuma, tido e havido é por corrente e moente no que quer que seja; porque assim o acclamam as trombetas da politica, do elogio mútuo, ou dos corrilhos pessoaes, e o povo subscreve a nescia atoarda. Financeiro, administrador, estadista, chefe de Estado, ou qualquer outro lugar de ingente situação e assustadoras responsabilidades, é, a pedir de bocca, o que se diz mão de prompto desempenho, fórmula viva a quaesquer difficuldades, chave de todos os enigmas.

Tenham por averiguado que, onde quer que o collocarem, dará conta o sujeito das mais arduas empresas e solução aos mais emmaranhados problemas. Se em nada se apparelhou, está em tudo e para tudo apparelhado. Ninguem vos saberá informar por que. Mas todo o mundo vol-o dará por liquido e certo. Não aprendeu nada, e sabe tudo. Lêr, não leu. Escrever, não escreveu. Ruminar, não ruminou. Produzir, não produziu. E' um improviso omnisciente, o phenomeno de que poetava Dante:

“In picciol tempo gran dottor si feo.” (1)

(1) “Paradiso”, XII, 85.

A esses homens-panacéas, a esses empreiteiros de todas as empreitadas, a esses aviadores de todas as encomendas, se escancellam os portões da fama, do poderio, da grandeza, e, não contentes de lhes applaudir entre os da terra a nullidade, ainda, quando Deus quer, a mandam expor á admiração do estrangeiro.

Pelo contrario, os que se tem por notorio e incontestavel excederem o nivel da instrucção ordinaria, esses para nada servem. Por que? Porque “sabem demais”. Sustenta-se ahi que a competencia reside, justamente, na incompetencia. Vae-se, até, ao incrível de se inculcar “o mêdo aos preparados”, de havel-os como cidadãos perigosos, e ter-se por dogma que um homem, cujos estudos passarem da craveira vulgar, não poderia occupar qualquer posto mais grado no governo, em paiz de analphabetos. Se o povo é analphabeto, só ignorantes estarão em termos de o governar. Nação de analphabetos, governo de analphabetos. E’ que elles, muita vez ás escancaras, e em letra redonda, por ahi dizem.

Socrates, certo dia, numa das suas conversações, que “O Primeiro Alcibiades” nos deixa escutar ainda hoje, dava grande lição de modestia ao interlocutor, dizendo-lhe, com a costumada lhaneza: “A peor especie de ignorancia é cuidar uma pessoa saber o que não sabe. . . Tal, meu caro Alcibiades, o teu caso. Entraste pela politica, antes de a teres estudado. E não és tu só o que te vejas nessa condição: é esta mesma a da mór parte dos que se mettem nos negocios da republica. Apenas exceptuo exiguo numero, e pode ser que, unicamente, a Péricles, teu tutor; porque tem cursado os philosophos.”

Vede agora os que intentaes exercitar-vos na sciencia das leis, e vir a ser seus interpretes, se de tal geito é que

conceberíeis sabel-as, e executal-as. Desse geito; isto é: como as entendiam os politicos da Grecia, pintada pelo mestre de Platão.

Uma vez, que Alcibiades discutia com Péricles, em palestra registada por Xenophonte, acertou de se debater o que seja “lei”, e quando exista, ou não exista.

“— Que vem a ser “lei”? indaga Alcibiades.

“— A expressão da vontade do povo”, responde Péricles.

“— Mas que é o que determina esse povo? O bem, ou o mal?” replica-lhe o sobrinho.

“— Certo que o bem, mancebo.

“— Mas, sendo uma oligarchia quem mande, isto é, um diminuto numero de homens, serão, ainda assim, respeitaveis “as leis”?

“— Sem duvida.

“— Mas, se a disposição vier de um tyranno? Se occorrer violencia, ou illegalidade? Se o poderoso coagir o fraco? Cumprirá, todavia, obedecer?”

Péricles hesita; mas acaba admittindo:

— “Creio que sim.

“— Mas então”, insiste Alcibiades, “o tyranno, que constringe os cidadãos a lhe acatarem os caprichos, não será, esse sim, o inimigo “das leis”?

“— Sim; vejo agora que errei em chamar “leis” ás ordens de um tyranno, costumado a mandar, sem persuadir.

“— Mas, quando um diminuto numero de cidadãos impõe seus arbitrios á multidão, daremos, ou não, a isso o nome de violencia?

“— Parece-me a mim”, concede Péricles, cada vez mais vacillante, “que, em caso tal, é de violencia que se trata, não “de lei”.

Admittido isso, já Alcibiades triumphava:

“— Logo, quando a multidão, governando, obrigar os ricos, sem consenso destes, não será, tambem, violencia, e não “lei”?

Péricles não acha que responder; e a propria razão não o acharia. Não é “lei” a lei, senão quando assenta no consentimento da maioria, já que, exigido o de todos, “desiderandum” irrealizavel, não haveria meio jamais de se chegar a uma lei.

Ora, senhores bacharelados, pesae bem que vos ides consagrar á “lei”, num paiz onde a lei absolutamente não exprime o consentimento “da maioria”, onde são as minorias, as oligarchias mais acanhadas, mais impopulares e menos respeitaveis, as que põem, e dispõem, as que mandam, e desmandam em tudo; a saber: num paiz, onde, verdadeiramente, “não ha lei”, não ha, moral, politica ou juridicamente falando.

Considerae, pois, nas difficuldades, em que se vão enleiar os que professam a missão de sustentaculos e auxiliares “da lei”, seus mestres e executores.

E’ verdade que a execução corrige, ou attenua, muitas vezes, a legislação de má nota. Mas, no Brásil, a “lei” se deslegitima, annulla e torna “inexistente”, não só pela bastardia da origem, senão ainda pelos horrores da applicação.

Ora, dizia S. Paulo que boa é a lei, onde se executa legitimamente. “Bona est lex, si ea legitimè utatur.” (1)

(1) S. Paulo: “I Timoth.” I, 8.

Queria dizer: Bôa é a lei, quando executada com rectidão. Isto é: boa será, em havendo no executor a virtude, que no legislador não havia. Porque só a moderação, a inteireza e a equidade, no applicar das más leis, as poderiam, em certa medida, escoimar da impureza, dureza e maldade, que encerrarem. Ou, mais lisa e claramente, se bem o entendendo, pretenderia significar o apóstolo das gentes que mais vale a lei má, quando “inexecutada”, ou “mal executada” (para o bem), que a boa lei, sophismada e não observada (contra elle).

Que extraordinario, que immensuravel, que, por assim dizer, estupendo e sobrehumano, logo, não será, em taes condições, o papel da justiça! Maior que o da propria legislação. Porque, se dignos são os juizes, como parte suprema, que constituem, no executar das leis, — em sendo justas, lhes manterão elles a sua justiça, e, injustas, lhes poderão moderar, se não, até, no seu tanto, corrigir a injustiça.

De nada aproveitam leis, bem se sabe, não existindo quem as ampare-contra os abusos; e o amparo sobre todos essencial é o de uma justiça tão alta no seu poder, quanto na sua missão. “Ahi temos as leis”, dizia o Florentino. “Mas quem lhes ha-de ter mão? Ninguem.”

“Le leggi son, ma chi pon mano ad esse?”

“Nullo.” (1)

Entre nós não seria licito responder assim tão em absoluto á interrogação do poeta. Na constituição brasileira, a mão que elle não via na sua republica e em sua época, a

(1) Dante: “Purgatorio”, XVI, 97-98.

mão sustentadora das leis, ahi a temos, hoje, criada, e tão grande, que nada lhe iguala a majestade, nada lhe rivaliza o poder. Entre as leis, aqui, entre as leis ordinarias e a lei das leis, é a justiça quem decide, fulminando aquellas, quando com esta collidirem.

Soberania tamanha só nas federações de molde norteamericano cabe ao poder judiciario, subordinado aos outros poderes nas demais fórmulas de governo, mas, nesta, superior a todos.

Dessas democracias, pois, o eixo é a justiça, eixo não abstracto, não suppositicio, não meramente moral, mas de uma realidade profunda, e tão seriamente implantado no mecanismo do regimen, tão praticamente embebido através de todas as suas peças, que, falseando elle ao seu mister, todo o systema cahirá em paralytia, desordem e subversão. Os poderes constitucionaes entrarão em conflictos insolúveis, as franquias constitucionaes ruirão por terra, e da organização constitucional, do seu character, das suas funcções, das suas garantias apenas restarão destroços.

Eis o de que nos ha-de preservar a justiça brasileira, se a deixarem sobreviver, ainda que agredida, oscillante e mal segura, aos outros elementos constitutivos da republica, no meio das ruínas, em que mal se conservam ligeiros traços da sua verdade.

Ora, senhores, esse poder eminencialmente necessario, vital e salvador, tem os dois braços, nos quaes aguenta a lei, em duas instituições: a magistratura e a advocacia, tão velhas como a sociedade humana, mas elevadas ao cembro, na vida constitucional do Brasil, pela estupenda importancia, que o novo regimen veio dar á justiça.

Meus amigos, é para collaborardes em dar existencia a essas duas instituições que hoje saís daqui habilitados. Magistrados ou advogados sereis. São duas carreiras quasi sagradas, inseparaveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, immensas nas difficuldades, responsabilidades e utilidades.

Se cada um de vós metter bem a mão na consciencia, certo que tremerá da perspectiva. O tremer proprio é dos que se defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiae, senhores. Ousae. Reagi. E haveis de ser bem succedidos. Deus, patria, e trabalho. Mettei no regaço essas tres fés, esses tres amores, esses tres signos santos. E segui, com o coração puro. Não hajaes medo a que a sorte vos ludibrie. Mais pode que os seus azares a constancia, a coragem e a virtude.

Idealismo? Não: experiencia da vida. Não ha forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentae-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providencia vos haja reservado.

Encarae, jovens collegas meus, nessas duas estradas, que se vos patenteiam. Tomae a que vos indicarem vossos presentimentos, gostos e explorações, no campo dessas nobres disciplinas, com que lida a sciencia das leis e a distribuição da justiça. Abraçae a que vos sentirdes indicada pelo conhecimento de vós mesmos. Mas não primeiro que hajaes

buscado na experiencia de outrem um pouco da que vos é mister, e que ainda não tendes, para eleger a melhor derrota, entre as duas que se offerecem á carta de idoneidade, hoje obtida.

Pelo que me toca, escassamente avalio até onde, nisso, vos poderia eu ser util. Muito vi em cincoenta annos. Mas o que constitue a experiencia, consiste menos no ver, que no saber observar. Observar com clareza, com desinteresse, com selecção. Observar, deduzindo, induzindo, e generalizando, com pausa, com criterio, com desconfiança. Observar, apurando, contrastando, e guardando.

Que especie de observador seja eu, não vol-o poderia dizer. Mas, seguro, ou não, no averiguar e discernir, — de uma qualidade, ao menos, me posso abonar a mim mesmo: a de exacto e consciencioso no expender e narrar.

Como me dilataria, porém, numa ou noutra coisa, quando tão longamente, aqui, já me tenho excedido em abusar de vós e de mim mesmo?

Não recontarei, pois, senhores, a minha experiencia, e muito menos tentarei explanal-a. Cingir-me-ei, estrictamente, a falar-vos como falaria a mim proprio, se vós estivesseis em mim, sabendo o que tenho experimentado, e eu me achasse em vós, tendo que resolver essa escolha.

Todo pae é conselheiro natural. Todos os paes aconselham, se bem que nem todos possam jurar pelo valor dos seus conselhos. Os meus serão os a que me julgo obrigado, na situação em que momentaneamente estou, pelo vosso arbitrio, de pae espirital dos meus afilhados em letras, nesta solennidade.

E' á magistratura que vos ides votar?

Elegeis, então, a mais eminente das profissões, a que um homem se pode entregar neste mundo. Essa elevação me impressiona sériamente; de modo que não sei se a commoção me não atalhará o juizo, ou tolherá o discurso. Mas não se dirá que, em boa vontade, fiquei aquem dos meus deveres.

Serão, talvez, meras vulgaridades, tão singelas, quão sabidas, mas onde o senso commum, a moral e o direito, associando-se á experiencia, lhe nobilitam os ditames. Vulgaridades, que qualquer outro orador se avantajaria em esmaltar de melhor linguagem, mas que, na occasião, a mim tocam, e no meu ensoado vernáculo hão-de ser ditas. Baste, porém, que se digam com isenção, com firmeza, com leadade; e assim hão de ser ditas, hoje, desta nobre tribuna.

Moços, se vos ides medir com o direito e o crime na cadeira de juizes, começae, esquadrinhando as exigencias apparentemente menos altas dos vossos cargos, e proponde-vos caprichar nellas com dobrado rigor; porque, para sermos fieis no muito, o devemos ser no pouco. “Qui fidelis est in minimo, et in majori fidelis est; et qui in modico iniquus est, et in majori iniquus est.” (1)

Ponho exemplo, senhores. Nada se leva em menos conta, na judicatura, a uma boa fé de officio que o vêso de tardança nos despachos e sentenças. Os códigos se cansam de balde em o punir. Mas a geral habitualidade e a conveniencia geral o entretêm, innocentam e universalizam. Dest’arte se incrementa e desmanda elle em proporções incalculaveis, chegando as causas a contar a edade por lustros, ou decadas, em vez de annos.

(1) Lucas, XVI, 10.

Mas justiça atrasada não é justiça, senão injustiça qualificada e manifesta. Porque a dilação illegal nas mãos do julgador contraria o direito escripto das partes, e, assim, as lesa no patrimonio, honra e liberdade. Os juizes tardinheiros são culpados, que a lassidão commum vae tolerando. Mas sua culpa tresdobra com a terrivel aggravante de que o lesado não tem meio de reagir contra o delinquente poderoso, em cujas mãos jaz a sorte do litigio pendente.

Não sejaes, pois, desses magistrados, nas mãos de quem os autos penam como as almas do purgatorio, ou arrastam sonos esquecidos como as preguiças do mato.

Não vos pareaes com esses outros juizes, que, com taboleta de escrupulosos, imaginam em risco a sua boa fama, se não evitarem o contacto dos pleiteantes, recebendo-os com má sombra, em lugar de os ouvir a todos com desprevenção, doçura e serenidade.

Não imiteis os que, em se lhes offerecendo o mais leve pretexto, a si mesmos põem suspeições rebuscadas, para esquivar responsabilidades, que seria do seu dever arrostar sem quebra de animo ou de confiança no prestigio dos seus cargos.

Não sigaes os que argumentam com o grave das accusações, para se armarem de suspeita e execração contra os accusados; como se, pelo contrario, quanto mais odiosa a accusação, não houvesse o juiz de se precaver mais contra os accusadores, e menos perder de vista a presumpção de innocencia, commum a todos os réus, enquanto não liquidada a prova e reconhecido o delicto.

Não acompanheis os que, no pretorio, ou no jury, se convertem de julgadores em verdugos, torturando o

réu com severidades inopportunas, descabidas, ou indecentes; como se todos os accusados não tivessem direito á protecção dos seus juizes, e a lei processual, em todo o mundo civilizado, não houvesse por sagrado o homem, sobre quem recae accusação ainda inverificada.

Não estejaes com os que aggravam o rigor das leis, para se acreditar com o nome de austeros e illibados. Porque não ha nada menos nobre e applausivel que agenciar uma reputação malignamente obtida em prejuizo da verdadeira intelligencia dos textos legaes.

Não julgueis por considerações de pessoas, ou pelas do valor das quantias litigadas, negando as sommas, que se pleiteiam, em razão da sua grandeza, ou escolhendo, entre as partes na lide, segundo a situação social dellas, seu poderio, opulencia e conspicuidade. Porque quanto mais armados estão de taes armas os poderosos, mais inclinados é de receiar que sejam á extorsão contra os menos ajudados da fortuna; e, por outro lado, quanto maiores são os valores demandados e maior, portanto, a lesão arguida, mais grave iniquidade será negar a reparação, que se demanda.

Não vos mistureis com os togados, que contrahiram a doença de achar sempre razão ao Estado, ao Governo, á Fazenda; por onde os condecora o povo com o titulo de "fazendeiros". Essa presumpção de terem, de ordinario, razão contra o resto do mundo, nenhuma lei a reconhece á Fazenda, ao Governo, ou ao Estado.

Antes, se admissivel fosse ahí qualquer presumpção, havia de ser em sentido contrario; pois essas entidades são as mais irresponsaveis, as que mais abundam em meios de corromper, as que exercem as perseguições, administrativas, politicas e policiaes, as que, demittindo funcionarios

indemissiveis, rasgando contratos solennes, consummando lesões de toda a ordem (por não serem os perpetradores de taes attentados os que os pagam), accumulam, continuamente, sobre o thesoiro publico terribes responsabilidades.

No Brasil, durante o Imperio, os liberaes tinham por artigo do seu programma cercear os privilegios, já espantosos, da Fazenda Nacional. Pasmoso é que elles, sob a Republica, se cem-dobrein ainda, conculcando-se, até, a Constituição, em pontos de alto melindre, para assegurar ao Fisco esta situação monstruosa, e que ainda haja quem, sobre todas essas conquistas, lhe queira grangear a de um lugar de predilecções e vantagens na consciencia judiciaria, no fôro intimo de cada magistrado.

Magistrados futuros, não vos deixeis contagiar de contagio tão maligno. Não negueis jamais ao Erario, á Administração, á União, os seus direitos. São tão inviolaveis, como quaesquer outros. Mas o direito dos mais miseraveis dos homens, o direito do mendigo, do escravo, do criminoso, não é menos sagrado, perante a justiça, que o do mais alto dos poderes. Antes, com os mais miseraveis é que a justiça deve ser mais attenta, e redobrar de escrupulo; porque são os mais mal defendidos, os que suscitam menos interesse, e os contra cujo direito conspiram a inferioridade na condição com a mingua nos recursos.

Preservae, juizes de amanha, preservae vossas almas juvenis desses baixos e abominaveis sophismas. A ninguem importa mais do que á magistratura fugir do mêdo, esquivar humilhações, e não conhecer cobardia. Todo o bom magistrado tem muito de heroico em si mesmo, na pureza immaculada e na placida rigidez, que a nada se dobre,

e de nada se tema, senão da outra justiça, assente, cá em baixo, na consciencia das nações, e culminante, lá em cima, no juizo divino.

Não tergiverseis com as vossas responsabilidades, por mais atribulações que vos imponham, e mais perigos a que vos exponham. Nem receeis soberanias da terra: nem a do povo, nem a do poder. O povo é uma torrente, que rara vez se não deixa conter pelas acções magnanimas. A intrepidez do juiz, como a bravura do soldado, o arrebatam, e fascinam. Os governos investem contra a justiça, provocam e desrespeitam a tribunaes; mas, por mais que lhes espumem contra as sentenças, quando justas, não terão, por muito tempo, a cabeça erguida em ameaça ou desobediencia deante dos magistrados, que os enfremem com dignidade e firmeza.

Os presidentes de certas republicas são, ás vezes, mais intolerantes com os magistrados, quando lhes resistem, como devem, do que os antigos monarchas absolutos. Mas, se os chefes das democracias de tal jaez se esquecem do seu logar, até o extremo de se haverem, quando lhes pica o orgulho, com os juizes vitalicios e inamoviveis de hoje, como se haveriam com os ouvidores e desembargadores d'El-Rey Nosso Senhor, frageis instrumentos nas mãos de despotas coroados, — cumpre aos amesquinhadados pela jactancia dessas rebeldias ter em mente que, instituindo-os em guardas da Constituição contra os legisladores e da lei contra os governos, esses pactos de liberdade não os revestiram de prerogativas ultra-majestáticas, senão para que a sua autoridade não torça ás exigencias de nenhuma potestade humana.

Os tyrannos e barbaros antigos tinham, por vezes, mais comprehensão real da justiça que os civilizados e demo-

cratas de hoje. Haja vista a historia, que nos conta um pré-gador do seculo XVII.

“A todo o que faz pessoa de “juiz”, ou ministro”, dizia o orador sacro, “manda Deus que não considere na parte a razão de príncipe poderoso, ou de pobre desvalido, senão só a razão do seu proximo... (1) Bem praticou esta virtude Canuto, rei dos Vandalos, que, mandando justicar uma quadrilha de salteadores, e pondo um delles embargos de que era parente del-Rey, respondeu: “Se provar ser nosso parente, razão é que lhe façam a forza mais alta.” (2)

Bom é que os barbaros tivessem deixado lições tão inesperadas ás nossas democracias. Bem poderia ser que, barbarizando-se com esses modelos, antepuzessem ellas, enfim, a justiça ao parentesco, e nos livrassem da peste das parentelas, em materias de governo.

Como vêdes, senhores, para me não chamarem a mim revolucionario, ando a catar minha literatura de hoje nos livros religiosos.

Outro ponto dos maiores na educação do magistrado: corar menos de ter errado que de se não emendar. Melhor será que a sentença não erre. Mas, se cair em erro, o peor é que se não corrija. E, se o proprio autor do erro o remediar, tanto melhor; porque tanto mais cresce, com a confissão, em credito de justo, o magistrado, e tanto mais se solenniza a reparação dada ao offendido.

Muitas vezes, ainda, teria eu de vos dizer: Não façaes, não façaes. Mas já é tempo de caçar as velas ao discurso. Pouco agora vos direi.

(1) Levítico, XIX, 15.

(2) P. e M. BERNARDESS “Sermões”, Parte I, pg. 263-4.

Não anteponhaes o draconianismo á equidade. Dados a tão cruel mania, ganhariaes, com razão, conceito de máus, e não de rectos.

Não cultiveis systemas, extravagancias e singularidades. Por esse meio lucrariaes a nescia reputação de originaes; mas nunca a de sabios, doutos, ou conscienciosos.

Não militeis em partidos, dando á politica o que deveis á imparcialidade. Dessa maneira venderieis as almas e famas ao demonio da ambição, da intriga e da servidão ás paixões mais detestaveis.

Não cortejeis a popularidade. Não transijaes com as conveniencias. Não tenhaes negocios em secretarias. Não delibereis por conselheiros, ou accessores. Não deis votos de solidariedade com outros, quem quer que sejam. Fazendo aos collegas toda a honra, que lhes deverdes, prestae-lhes o credito, a que sua dignidade houver direito; mas não tanto que delibereis só de os ouvir, em materia onde a confiança não substitua a inspecção directa. Não prescindaes, em summa, do conhecimento proprio, sempre que a prova terminante vos esteja ao alcance da vista, e se offereça á verificação immediata do tribunal.

Por derradeiro, amigos de minha alma, por derradeiro, a ultima, a melhor lição da minha experiencia. De quanto no mundo tenho visto, o resumo se abrange nestas cinco palavras:

Não ha justiça, onde não haja Deus. †

Quererieis que vol-o demonstrasse? Mas seria perder tempo, se já não encontrastes a demonstração no espectaculo actual da terra, na catastrophe da humanidade. O genero humano afundiu-se na materia, e no oceano violento da materia fluctuam, hoje, os destroços da civilização meio

destruída. Esse fatal excídio está clamando por Deus. Quando elle tornar a nós, as nações abandonarão a guerra, e a paz, então, assomará entre ellas, a paz das leis e da justiça, que o mundo ainda não tem, porque ainda não crê.

A' justiça humana cabe, nessa regeneração, papel essencial. Assim o saiba ella honrar. Trabalhae por isso os que abraçardes essa carreira, com a influencia da altissima dignidade, que do seu exercicio recebereis.

Della vos falei, da sua grandeza e dos seus deveres, com a incompetencia de quem não a tem exercido. Não tive a honra de ser magistrado. Advogado sou, ha cincoenta annos, e, já agora, morrerei advogado.

E' entretanto, da advocacia no Brasil, da minha profissão, do que nella, em experiencia, accumulei, praticando-a, que me não será dado agora tratar. A extensão já demasiadissima deste colloquio em desalinho não me consentiria accrescimo tamanho. Mas que perdereis, com tal omisão? Nada.

Na missão do advogado tambem se desenvolve uma especie de magistratura. As duas se entrelaçam, diversas nas funcções, mas identicas no objecto e na resultante: a justiça. Com o advogado, justiça militante. Justiça imperante, no magistrado.

Legalidade e liberdade são as tábuas da vocação do advogado. Nellas se encerra, para elle, a synthese de todos os mandamentos. Não desertar a justiça, nem cortejal-a. Não lhe faltar com a fidelidade, nem lhe recusar o conselho. Não transfugir da legalidade para a violencia, nem trocar a ordem pela anarchia. Não antepor os poderosos aos desvalidos, nem recusar patrocínio a estes contra aquelles. Não servir sem independencia á justiça, nem cebrar da ver-

dade ante o poder. Não collaborar em perseguições ou attentados, nem pleitear pela iniquidade ou immoralidade. Não se subtrair á defesa das causas impopulares, nem á das perigosas, quando justas. Onde for apuravel um grão, que seja, de verdadeiro direito, não regatear ao attribulado o consôlo do amparo judicial. Não proceder, nas consultas, senão com a imparcialidade real do juiz nas sentenças. Não fazer da banca balcão, ou da sciencia mercatura. Não ser baixo com os grandes, nem arrogante com os miseráveis. Servir aos opulentos com altivez e aos indigentes com caridade. Amar a patria, estremecer o proximo, guardar fé em Deus, na verdade e no bem.

Senhores, devo acabar. Quando, ha cincoenta annos, saía eu daqui, na velha Paulicéa, solitaria e brumosa, como hoje saís da transfigurada metropole do maximo Estado brasileiro, bem outros eram este paiz e todo o mundo occidental.

O Brasil acabava de varrer do seu territorio a invasão paraguaya, e, na America do Norte, poucos annos antes, a guerra civil limpava da grande republica o cativo negro, cuja agonia esteve a pique de a sossobrar despedaçada. Eram dois prenuncios de uma alverçada, que doirava os cimos do mundo christão, annunciando futuras victorias da liberdade.

Mas, ao mesmo tempo, a invasão germanica alagava terras de França, deixando-a violada, traspassada no coração e cruelmente mutilada, aos olhos sêccos e indifferentes das outras potencias e mais nações europeas, grandes, ou pequenas.

Ninguem percebeu que se estavam semeando o cativo e a subversão do mundo. E hi a menos de cincoenta

annos, aquella atrós exacerbação do egoismo politico envolvia culpados e innocentes numa série de convulsões, tal, que acreditarieis haver-se despejado o inferno entre as nações da terra, dando ao inaudito phenomeno humano proporções quasi capazes de representar, na sua espantosa immensidade, um cataclysmo cósmico. Parecia estar-se desmanchando e anniquilando o mundo. Mas era a eterna justiça que se mostrava. Era o velho continente que principiava a expiar a velha politica, desalmada, mercantil e cynica, dos Napoleões, Metternichs e Bismarcks, num cyclone de abominações inenarraveis, que bem de pressa abrangeria, como abrangeu, na zoña das suas tremendas commoções, os outros continentes, e deixaria revolvido o orbe inteiro em tormentas catastróphicas, só Deus sabe por quantas gerações além dos nossos dias.

O Briareu do inexoravel mercantilismo que explorava a humanidade, o colosso do egoismo universal, que, durante um seculo, assistira impassivel á entronisação dos calculos dos governos sobre os direitos dos povos, o reinado impio da ambição e da força rolava, e se desfazia, num desmoroamento pavoroso, levando por ahi a rojo imperios e dynastias, reis, dominios, constituições e tratados. Mas a medonha intervenção dos poderes tenebrosos do nosso destino mal estava começada. Ninguem poderia conjecturar ainda como e quando acabará.

Neste canto da terra, o Brasil “da hegemonia sul-americana”, entreluzida com a guerra do Paraguay, não cultivava taes velleidades, ainda bem que, hoje, de todo em todo extinctas. Mas encetara uma era de aspirações juridicas e revoluções incruentas. Em 1888 aboliu a propriedade servil. Em 1889 banii a coroa, e organizou a republica.

Em 1907 entrou, pela porta de Haya, ao concerto das nações. Em 1917 alistou-se na alliança da civilização, para empenhar a sua responsabilidade e as suas forças navaes na guerra das guerras, em soccorro do direito das gentes, cujo codigo ajudara a organizar na Segunda Conferencia da Paz.

Mas, de súbito, agora, um movimento desvairado parece estar-nos levando, empuxados de uma corrente submarina, a um recúo inexplicavel. Dirieis que o Brasil de 1921 tendesse, hoje, a repudiar o Brasil de 1917. Por que? Porque a nossa politica nos descurou dos interesses, e, ante isso, delirando em accesso de frivolo despeito, iriamos desmentir a excelsa tradição, tão gloriosa, quão intelligente e fecunda?

Não: senhores, não seria possivel. Na resolução de 1917 o Brasil ascendeu á elevação mais alta de toda a nossa historia. Não descerá.

Amigos meus, não. Compromissos daquella natureza, daquella alcance, daquella dignidade não se revogam. Não convertamos uma questão de futuro em questão de relance. Não transformemos uma questão de previdencia em questão de cobiça. Não reduzamos uma immensa questão de principios a vil questão de interesses. Não demos de barato a essencia eterna da justiça por uma rasteira desavença de mercadores. Não barganhemos o nosso porvir a troco de um mesquinho prato de lentilhas. Não arrastemos o Brasil ao escandalo de se dar em espectaculo á terra toda como a mais futil das nações, nação que, á distancia de quatro annos, se desdisse de um dos mais memoraveis actos de sua vida, trocasse de idéas, variasse de affeições, mudasse de caracter, e se renegasse a si mesma.

O', senhores, não, não e não! Paladinos, ainda hontem, do direito e da liberdade, não vamos agora mostrar os punhos

contrahidos aos irmãos, com que commungavamos, ha pouco, nessa verdadeira cruzada. Não percamos, assim, o equilibrio da dignidade, por amor de uma pendencia de estreito character commercial, ainda mal liquidada, sobre a qual as explicações dadas á nação pêlos seus agentes, até esta data, são inconsistentes e furtacôres. Não culpemos o estrangeiro das nossas decepções politicas no exterior, antes de averiguarmos se os culpados não se achariam aqui mesmo, entre os a quem se depara, nestas cegas agitações de odio a outros povos, a diversão mais opportuna dos nossos erros e miserias intestinas.

O Brasil, em 1917, plântou a sua bandeira entre as da civilização nos mares da Europa. Dahi não se retrocede facilmente, sem quebra da seriedade e do decóro, se não dos proprios interesses. Mais cuidado tivéssemos, em tempo, com os nossos, nos conselhos da paz, se nelles quizessemos brilhar melhor do que brilhámos nos actos da guerra, e acabar sem contratemos ou dissabores.

Agora, o que a politica e a honra nos indicam, é outra coisa. Não busquemos o caminho de volta á situação colonial. Guardemo-nos das protecções internacionaes. Acautelemo-nos das invasões economicas. Vigieemo-nos das potencias absorventes e das raças expansionistas. Não nos temamos tanto dos grandes imperios já saciados, quanto dos anciosos por se fazerem taes á custa dos povos indefesos e mal governados. Tenhamos sentido nos ventos, que sopram de certos quadrantes do céu. O Brasil é a mais cobiçavel das presas; e, offerecida, como está, incauta, ingenua, inerme, a todas as ambições, tem, de sobejo, com que fartar duas ou tres das mais formidaveis.

Mas o que lhe importa, é que dê começo a governar-se a si mesmo; porquanto nenhum dos arbitros da paz e da guerra leva em conta uma nacionalidade adormecida e anemizada na tutela perpétua de governos, que não escolhe. Um povo dependente no seu proprio territorio e nelle mesmo sujeito ao dominio de senhores não pode almejar seriamente, nem seriamente manter a sua independencia para com o estrangeiro.

Eia, senhores! Mocidade viril! Intelligencia brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de hontem e amanha! Daenos o de hoje, que nos falta.

Mãos á obra da reivindicação de nossa perdida autonomia; mãos á obra da nossa reconstituição interior; mãos á obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionaes; mãos á obra de substituir pela verdade o simulacro politico da nossa existencia entre as nações. Trabalhae por essa que ha de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa resurreição ansiada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indicios no horizonte. Assim o queira Deus.



